

BATALHA

DIÁRIO DA MANHA

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.137

Sexta feira, 4 de Agosto de 1922

PREÇO — 10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 98-A, 2.º • Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Batalha-Lisboa • Telefone 5339-0
Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

Os ladrões do povo acobertados pelo Estado

Iniciam-se os protestos — 10.000 pessoas só numa sessão — Há que arripiar caminho

E' hoje que tem inicio a venda do pão de dois tipos e mais caro — o grande roubo feito ao consumidor, não o é risco, porque esse roubará por sua vez e por outras formas, mas o que é pobre, o que vive do salário amargurado na produção das utilidades.

O governo estava e está com ciêncie grande erime que está cometendo, que a despeito de siegar razões fundadas em possíveis perdas destinadas a convencer a população e que seriam — não é verdade? — suficientes para que ela pagasse seu protesto, procede exactamente ao contrário.

Ontem, apesar de muito escondida, saiu num jornal a seguinte nota:

«Ao que nos conta, o sr. ministro do Interior deu já as necessárias instruções aos governadores civis e outras autoridades para que tomem todas as precauções no sentido de manterem a todo o transe a ordem pública, amanhã, primeiro dia da execução da lei que criou os dois tipos de pão.»

Nesta nota transparece a vontade firme de os dois tipos com novos e mais elevados preços serem impostos pela violência à população, como se esta não estivesse causticada já com toda a casta de roubalheiras por parte de todo o fiel patife que negocia e explora com a miséria e com a fome.

Diz-se que o tesouro público não podia aguentar-se mais com o prejuízo que temido com o pão. Mas que culpa tem o povo que trabalha e sofre dos prejuízos do Estado? Portentaria não é ele, o povo já sobrecarregado com todos os impostos e contribuições, que paga já com lingua de palmo e meio, percebendo de menores salários e com a elevação de preços das utilidades que necessita, isto é, indirecamente?

E agora que o Estado deixa o encargo oneroso, deixará o povo de pagar o que pagava? Acaso não continuará a pagar e sob a ameaça de pagar mais?

Vamos, senhores! se aquela situação não podia prolongar-se, a situação desgraçada e miserável em que o povo se encontra chegou já há muito ao impossível.

Quem o ignora? Nem o próprio governo, que, por isso mesmo, prometeu empregar medidas contra os causadores da vida caras, mas, por esta amorsa, está-se a ver a qualidade das medias.

Pois muito bem, o regime novo inicia hoje e já ontém se iniciou o protesto. O governo, que sabe o crime que está cometendo, enviou já ontem telegramas para diversos pontos. Não faltaram sob as nossas janelas e tentaram mesmo impedir a realização da sessão de protesto a qual assistiram mais de 10.000 pessoas.

E' preciso que o Congresso, Veremos como se chega ao fim.

A fôrça armada devia fazer causa comum no protesto do povo

Adriano Guerra, dos barbeiros, referindo-se às tropas que se encontravam na rua, diz que elas deviam competir-se que pertencem ao povo e que só deste deviam tomar a defesa, porque a razão está do seu lado.

A rejeitada uma manifestação pública

Emílio Pereira da Silva, que fala como consumidor, apresenta uma proposta para que no final da sessão o povo se seguisse em massa pela cidade, manifestando assim o seu protesto.

Sobre esta proposta houve largo debate, pronunciando-se contra ela Alfreido Pinto, Artur Inácio e outros camaradas, sendo pela assembleia rejeitada.

Depois de falarem outros oradores, foi aprovado com grande entusiasmo e por aclamação a moção acima publicada.

Foi também aprovado mais o seguinte documento:

Vota-se o não pagamento do pão a preço superior ao actual

«Atingindo ao constante agravamento da vida e aos abusos praticados pelos comerciantes gananciosos, de maldades com os altos poderes, resolve-se desde esta data, receber o pão correspondente à família existente no seu lar não pagando o aumento que corresponde ao último decreto publicado.»

A sessão foi encerrada no meio de grande entusiasmo.

No final paralisaram o trabalho dos operários da fábrica de tecidos e das suas todas as obras, pelas 14 horas.

Nota oficial da U. S. O.

E' necessário que os sindicatos se pronunciem urgentemente

O povo trabalhador manifestou ontem eloquientemente o seu protesto contra os dois tipos de pão e o seu preço.

Na sessão de protesto promovida por este organismo foi-se até à grave empréstimo que ficou votada e nestas condições não basta que fiquemos por aqui, porquanto a étape a realizar é o consequente dum único tipo de pão ao preço de sessenta centavos!

E para isso, é ainda preciso que, com a máxima urgência, tanta quanta a responsabilidade do movimento indica, os sindicatos reúniam e indiquem à U. S. O. a sua concordância com o movimento em defesa do pão dos que trabalham.

A U. S. O. precisa saber com quem conta

Basta de discussões!

Alberto Dias, da Federação da Construção Civil, diz que o operariado só pode cumprir com o seu

Rebeldias

O Lutetia trouxe ontem ao Tejo, Santos Dumont, o homem que deu a sua inteligência, a sua actividade e o seu dinheiro para que neste ano de 1922 a aviação fosse o que já conseguiu ser.

Na Batalha teve por horas alguém em quem estavam concentradas muitas das mais belas páginas de sacrifício e nobre audácia da história da conquista do espaço pela ciência. Essas raras horas desmascararam a vaidade de muitos dos que, promovendo-lhe uma homenagem afectada, apenas mostraram possuir a intenção de se elevar artificialmente com algumas fotografias, ao lado do que soube elevar-se acima de coisas inúteis, mesquinhos e ridículos.

Da sua passagem veloz por esta cidade de rotina, uma frase, uma opinião ficou.

Santos Dumont deu a aviação da guerra e ama a aviação pacífica. Vai a sua admiração para a nobreza, o seu desprêzo para a que mata.

Santos Dumont arrisca a vida para oferecer mais bem aos seus semelhantes e detesta cordialmente os que se apoderaram do seu esforço, para transformarem em agente do mal um ramo poderoso do progresso que ele sonhou para o bem.

Fica bem expressa nesta frase o valor moral de Santos Dumont, que tendo contribuído para facilitar o voo do homem no espaço lamento que ele elevado o seu ódio à altitude hoje conquistada pelos aviões.

Cristiano LIMA

Os operários metalúrgicos

A sua organização em Aljustrel e o seu contacto com os trabalhadores das minas

Escravos, sempre escravos!

Os metalúrgicos que em Aljustrel estão organizados só apenas os que fazem parte da indústria mineira. Antes de constituírem sindicato à parte eram componentes da Associação dos Mineiros, embora em maior redução numero.

Ainda hoje quando necessitam movimentar-se e não o podem fazer sem o concurso da Associação dos Mineiros, de mesmo modo que estes não podem movimentar-se sem o concurso inedito daquela.

Esta interligação resulta das próximas condições de indústria das minas, para a qual todos organicamente concorrem.

Todavia, por que se organizaram a parte poderam robustecer a organização, agrupando todos ou quasi todos os metalúrgicos.

São considerados metalúrgicos tanto os operários que trabalham na tracção e na exploração das linhas ferreas que ligam as oficinas e as minas e estas com a estação de Figueirinha, para onde é conduzido o minério nas vagonetas, atreladas a pequenas locomotivas primitivas da empresa.

Todo este pessoal compõe-se de 150 homens, distridos pelos vários serviços da indústria mineira.

Trabalham desde as 6 às 15 horas, com uma hora para almoço. São 8 horas, mas a Empresa pretende que elas tragalhem horas suplementares; com a condição de receberem o salário equivalente ao horário normal.

Nem todos se sujeitam a essa imposição e desse facto resulta vinganças — como sempre.

Os seus salários são de 330, 450 e 550, ou seja uma média de 450 por dia.

Não podia a Batalha que sofreu as iras destes tiranetes ridículos que se meteram a governar o país: também o A B C foi impedido de circular provavelmente por inserir uma simples fotografia-charge contra o novo regime do pão.

Pão e baratas

Vieram à nossa redacção apresentar-nos um pão que continha uma barata autêntica, insinuável, estampada no miolo. A padaria é da rua dos Caminhos de Ferro, 64.

No Partido Comunista

A sessão decorreu com entusiasmo e a polícia quiz fazer das suas

Como estava anunciado, efectuou-se ontem na sede do Partido Comunista, promovida pela Comissão Municipal Comunista de Lisboa, uma sessão de protesto contra a execução do novo decreto cerealífero que estabelece dois tipos de pão.

Aí se encontrava literalmente, notando-se o elemento feminino. Presidiu o representante do Comité Executivo, tendo assado da palma vir delegados do Centro Comunista, Comissão Municipal, Comité Executivo, Carlos de Araújo, Joaquim Cardoso e outros, que energeticamente, com constantes aplausos da assembleia, verberaram o procedimento do governo, condenando-se com a moagem para a miséria das classes trabalhadoras, e incitaram o proletariado presente a desacatar este novo decreto-burla indo até uma paralização geral, se tanto for necessário.

No final o presidente faz uma eloquente e entusiástica exortação aos presentes, que parece não agradar aos representantes da autoridade, razão porque lhe deram voz de prisão.

A assistência, porém, é que não é só pelos ajustes, e, rodeando o presidente da assembleia, assim saiu com ele para a rua impedido, por consequência, que os zeladores da ordem cumprissem a sua ingrata missão.

3.º Congresso Nacional da Construção Civil

Reunião hoje a comissão organizadora, com a presença de todos os delegados.

— O horário de trabalho —

Prossegue e intensifica-se o movimento contra a regulamentação-burla

Empregados do Comércio

Realizou-se ontem na sede na União dos Empregados do Comércio uma sessão preparatória do comício pró-8 horas. Usou da palavra João Ferreira Cardoso, que verberou o procedimento da polícia pretendendo os distribuidores manifestos-convite para a sessão, mas não se admirou, pelo facto de estar no poder um governo democrático.

Diz que o regulamento é uma burla que ataca o ministro do trabalho por fazer publicar um documento que está em oposição à lei. Fala sobre a fiscalização exercida pelos fiscais das associações declarando que o actual regulamento lhes tira a autoridade que possuia. Referindo-se ao ministro do trabalho diz que este obedecia ao critério do seu partido — manifestado no Congresso de Coimbra em que foi votada a revogação da lei 5516, satisfazendo as ambições do alto comércio.

Santos Dumont deu a aviação da guerra e ama a aviação pacífica. Vai a sua admiração para a nobreza, o seu desprêzo para a que mata.

Santos Dumont arrisca a vida para oferecer mais bem aos seus semelhantes e detesta cordialmente os que se apoderaram do seu esforço, para transformarem em agente do mal um ramo poderoso do progresso que ele sonhou para o bem.

Fica bem expressa nesta frase o valor moral de Santos Dumont, que tendo contribuído para facilitar o voo do homem no espaço lamento que ele elevado o seu ódio à altitude hoje conquistada pelos aviões.

Cristiano LIMA

No Porto

Ferroviários do Minho e Douro

Pórtico, 2. — Entre o pessoal das oficinas do Minho e Douro não se devia mais cumprir a ordem de serviço para todo o pessoal das oficinas gerais do Minho e Douro fizessem duas horas extraordinárias que seriam pagas apenas pelo dobro do ordenado fixo. Era o primeiro passo para as dez horas. Passado algum tempo, assim como agora eram tiradas as subvenções às horas extraordinárias, depois seria subtraído o próprio vencimento fixo. Entrava-se francamente na reimplantação das dez horas de trabalho normais. Iludidos desmoronados os operários das oficinas, o horário ambição seria imediatamente extensivo ao resto pessoal ferroviário.

A coisa, porém, não pegou; e o pessoal das oficinas do M. e D. que está na crença deste plano deserto, resolvia não cumprir a ordem de serviço, abandonando o trabalho à hora habitual. Depois efectuou uma reunião magna, onde foi deliberado:

1.º — Oficiar à Federação Ferroviária, Associação do Sul e Sueste e Confederação Geral do Trabalho, protestando energeticamente contra a pretensa alteração.

2.º — Alvirtar à União dos Sindicatos Locais, a inadiável necessidade de que todas as classes trabalhadoras levem a efeito um comício de protesto contra a premeditada alteração ao actual horário de trabalho;

3.º — Lavrar um veemente protesto contra o regulamento.

4.º — Dar a adesão incondicional a qualquer movimento que a U. S. O.

4.º — Saudar a Associação de Classe e a C. G. T. levem a efeito.

S. U. Mobiliário do Porto

Reuniu em assembleia geral para apresentar o regulamento do horário de trabalho, tendo usado da palavra vários oradores que energeticamente o combatiam. No final foi aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1.º — Lavrar um veemente protesto contra o regulamento.

2.º — Dar a adesão incondicional a qualquer movimento que a U. S. O.

4.º — Saudar a Associação de Classe e a C. G. T. levem a efeito.

C. G. T. — PRÓ-“A Batalha”

Conselho Confederal

Reúne hoje o Conselho Confederal às 21 horas precisas, não reunindo-se meia hora depois, segundo a resolução do último conselho, não estiverem presentes os delegados.

Congresso Nacional Operário

Para continuação da apresentação de teses e vários trabalhos, reúne hoje, pelas 20 horas, a comissão organizadora do 3.º Congresso Nacional Operário.

A situação de A Batalha

Comissão central Pró-A Batalha

Já se encontra à venda mais bilhetes para a excursão fluvial na administração de A Batalha. A comissão, devido à enorme afinidade de pedidos, teve de fretar mais outro vapor.

Também foram postos à venda aos menores de 4 a 12 anos de idade ao preço de 150.

Os que ainda não liquidaram os seus bilhetes, devem fazê-lo com urgência.

Reúnem hoje, às 21 horas, a grande comissão para nomear os que devem prestar serviço na excursão e a comissão de propaganda para tratar de assuntos urgentes.

Comissão de Almada

Deve reunir hoje a comissão organizadora da ultima festa pró-A Batalha e bem assim a comissão administrativa.

Em Silves

SILVES, 31. — Conforme fôra anunciado, realizou-se um espetáculo promovido pelo Grupo Dramático Leal da Barreiro, tendo subido à cena a peça dramática em 3 actos «Lágrimas», de Jorge Teixeira.

Como parte do produto líquido revertia a favor de A Batalha, por este motivo foi enorme a afluência do operariado silvense a este espetáculo, notando-se muito a aus

TESE A DISCUTIR NO CONGRESSO NACIONAL OPERÁRIO

A contabilidade administrativa dos organismos operários

Relator: GIL GONÇALVES

Ora, apliquemos a segunda das nossas três caixas, com as necessárias dimensões, servindo-nos dela para arquivo de verbetes, também de papel grosso, riscados como o modelo da fig. 3. Cataloguemos estes verbetes, não por ordem alfabética como os anteriores, mas por ordem de números.

O último cartão será o correspondente ao último sócio entrado, e, por conseguinte, o mais alto número da nossa inscrição. Basta, pois, para sabermos o número que deve ter um novo sócio, ver qual é o número do cartão colocado posteriormente, e o novo associado terá o número seguinte.

Vamos proceder ao registo deste novo sócio: preenchemos dois verbetes, um de cada modelo. O primeiro, como vimos no capítulo anterior, vai para a ordem alfabética; o segundo fica na outra caixa, a traz de todos os já existentes.

Para o caso de consulta, estas caixas dizem-nos tudo. Sabemos, por exemplo, que um sócio se chama António Martins, mas queremos saber o seu número, em que estado está a cotização que lhe diz respeito, etc. Abrimos as duas caixas. Na primeira lá encontramos António Martins depois de António Marcellino e antes de António Marvila (pois não é assim no nosso arquivo?) e ficamos sabendo que António Martins tem o número 362, que mora na rua da Liberdade, tendo já morado na Travessa das Mercês e na Calçada do Combro; que paga as cotas na oficina da rua do Crucifixo; que tem 34 anos de idade; que nasceu no Brasil; que sua especialidade é forjador; que foi proposto por fulano, sócio número tal, e que foi admitido em 2 de Fevereiro de 1919. No verso desse verbete pode ler-

se ainda que fez parte da comissão administrativa do exercício de 1920, que esteve preso por esta e aquela razão em 1921, etc., etc., etc.

Ora, se António Martins tem, como o verbete nos diz, o número 362, nesta segunda caixa há de haver um verbete que lhe corresponde e que fica (será de novo 362) entre o 361 e o 363. Neste novo verbete, vemos então que o sócio 362, António Martins, pagou as cotas até Maio, mas que deve as de Junho e Julho já vencidas. E sabemos que as cotas estão pagas porque nas casas respectivas temos dado baixa com um pequeno traço obliquígo.

Quando o sócio tenha deixado de pagar uma ou mais cotas, por motivo justificado, como doença, desemprego, prisão, serviço militar, etc., usaremos umas iniciais convenientes com que preenchemos a casa correspondente, ficando ela a mostrar, portanto, que a cota não foi cobrada por determinado motivo, indicado pela respectiva letra.

Mas não nos desleixemos — permiti o termo. Cada coisa em seu lugar, visto que temos um lugar certo para cada coisa. Nada de deixar para amanhã o que hoje deve ser feito.

Em todas as noites um bocadinho, ou numa noite por semana, podemos, sem trabalho que nos masse, ter sempre em ordem este serviço de cobrança, o mais importante de todos.

Este processo de organização da cobrança de verbetes é uma extrema perfeição. A prática nos mostrará quanto de superior aos que por si só usamos.

Um livro para este efeito é uma monstruosidade que só nos dá massada e nada nos mostra do que queremos saber, sobretudo com brevidade e pouco trabalho.

Mas não nos desleixemos — permiti o termo. Cada coisa em seu lugar, visto que temos um lugar certo para cada coisa. Nada de deixar para amanhã o que hoje deve ser feito.

Os cobradores terão um duplicado desse verbete, em papel comum, e neles darão baixa das cotas que forem cobrando. Quando o cobrador apresentar contas, ele deverá entregar a importância correspondente às baixas que os seus verbetes tivessem a mais do que os nossos, pois que essa diferença corresponde à cobrança efectuada.

De cada vez que presta contas — o que deverá suceder regularmente — o cobrador apresentará uma folha de cobrança assim riscada:

Vê-se por esta folha quantas cotas foram cobradas de cada sócio e a que período se referem, e quantas foram co-

Liga dos Direitos do Homem

No sábado — primeiro dia consagrado à demonstração da paz — reuniu o Directorio da Liga Portuguesa dos Direitos do Homem.

Do expediente do estrangeiro figura uma saúdação da Junta Nacional da Liga Espanhola pela definitiva organização da colectividade portuguesa.

Foi aprovada a seguinte moção:

“A. P. P. D. O. H. à semelhança das suas congêneres a Liga francesa não acredita na fecundidade da violência. Acredita sim na dignidade da pessoa humana, e acredita também que só a justiça pode assegurar a paz entre os indivíduos dum mesmo Estado, assim como entre os povos. Não mais guerra!

Do expediente do país constava a adesão dos sr. José Zarco Júnior, escritor de direito; António Almeida Albuquerque, comerciante; António de Ascenção Fragoso de Lima, industrial; Serafim José Lopes, industrial; José Fragoso de Lima, aspirante de finanças; António Pena, proprietário todos de Portel; Paulo Braz Medeiros funcionário do telegrafo em Sintra; Ernesto Martins, comerciante; J. M. Cordeiro, funcionário público, de Lisboa, e Manuel Esteves, industrial de Anadia. Foram todos aprovados sóciros.

Acirra da situação do prego Rogério Ferreira da Silva o presidente do Directorio começou já ter reclamado contra a arbitrariedade, junto do ministro da Justiça. Pelo secretário da Liga foi apresentado um atestado passado pelo Director das Cadeias Civis declarando que o prego tem sido exemplar comportamento na prisão, assiduidade ao trabalho nas oficinas, demonstrando ser um bom profissional. Este atestado vem confirmar que se trata dum vingança política, e oxalá o respectivo ministro resolva sem delongas o assunto.

Foi também apreciada uma local da Batalha, de 13 do corrente, referente ao regime prisional em Almada, conjuntamente com a informação do delegado da Liga.

Por último foi discutida e aprovada a seguinte proposta: «Considerando que decorridos quatro anos após o armistício da guerra o constante encarecimento da vida, e adulteração dos géneros alimentícios, é injustificado, criminoso e apenas representa uma manifestação de requintada e excessiva usura, a Liga Portuguesa dos Direitos do Homem afirma publicamente o seu

desejo:

1.º De que o governo castigue severamente todos os indivíduos que têm contribuído para a carestia da vida e adulteradores dos géneros, indo a penalidade até ao confisco de 90 %, dos lucros adquiridos de 1914 até 1921.

2.º De que os sindicatos organizem cooperativas de produção, industriais ou agrícolas, as quais só transacionem com as cooperativas de consumo ou com o povo consumidor e nunca com intermediários entre produtor e consumidor.

3.º De que as autoridades e todo o círculo do Estado mantenham o seu prestígio social prestando quem o tenha subornar.

No próximo sábado reúne o Directorio com os membros do Conselho Jurídico.

AS GREVES

Os operários do mobiliário, apesar de virem lutando há perto de cinco meses, afirmam secundar com ardor qualquer movimento tendente a meter na ordem os magnates da

moagem e panificação

Operários mobiliários

NOTA DO COMITÉ

Camaradas: Lutando há tantos dias por um aumento de salário, cuja efemeride bem medimos pela convicção da sua absorvência pela ganância do capitalismo, a quem não importava pagar caro o quanto que a nossa produção lhes oitere, visto que seremos nós quem indirectamente lhes pagaremos, compete-nos afirmar que as nossas disposições, ante um pronunciamento geral contra as infames pretensões da estaimadora e envenenadora moagem e panificação.

Os operários do mobiliário que, no passado, ostensivamente tem elaborado em todos os movimentos da massa explorado contra todos os sugadores, até mesmo, quando os que frequentemente se manifestam contra os aumentos de salário, optando pela utórica baixa do custo de vida, deixavam aos outros a defesa dos seus lares ameaçados, não podem deixar de afirmar-se nesse momento, dispostos a manter o seu lugar na grande luta contra todos os potenciais.

Se as circunstâncias assim o determinarem, a luta que há quase cinco meses temos travado contra a “patronal”, lobbies e industriais do mobiliário deve tornar-se extensiva; e, as oficinas há pouco preenchidas serão evacuadas para defesa de todos os lares e maior prestígio da organização operária!

Que neste momento o brado de todos vós seja:

! Abaixo os dois tipos de pão!

! Abaixo o protecionismo à ladragem!

O Comitê Central

A assembleia magna reúne amanhã, às 19 horas.

A comissão de donativos pede a todos os camaradas que tenham em seu poder listas de subscrição, que lhes enviem com urgência, a fim de não prejudicar a sua acção.

Corticeiros de Alhos Vedros

ALHOS VEDROS, 2 — Apesar da resistência mantida pelos industriais, continua firme como no primeiro dia, a greve dos operários desta indústria.

Ontem, uma comissão de grevistas,

COMPRO

Móveis velhos e escangalhados, assim como me encarreço de restaurar mobílias e de todos os trabalhos de carpintaria, etc. Escrivam postal para Joaquim Cardoso, rua Barão Sabrosa, 81, 1º.

Operários despedidos

Um patrão exemplar

Numa obra da rua de Santo António Capuchos, n.º 43, e de que é patrão José Joaquim Aguiar, por motivo dos operários que ali trabalham terem sabido cumprir com o seu dever, abandonando o serviço e acoitando ao chamamento da organização para protestar contra os dois tipos de pão, aquele patrão despediu-os, talvez por ter o suficiente para comprar o pão a todo o preço.

O S. U. da Construção Civil previne todos os operários que não vão trabalhar para aquela obra enquanto não forem readmitidos os despedidos, pelo crime, de serem conscientes acatando as resoluções da organização.

COMUNICAÇÕES

Pessoal da Exploração do Pórtico de Lisboa. — Reuniu em assembleia geral, tendo celebrado não fazer sete nem horas extraordinárias sem que as suas reclamações sejam atendidas. Resolven protestar contra o anamento do prego do pão.

CONVOCACOES

Federação dos Trabalhadores Rurais. — Conselho Federal. — Reúne no próximo Domingo, 6 do corrente, pelas 14 horas (2 da tarde) para tratar de vários assuntos da classe. É conveniente a comparecência de todos os delegados, visto haver assuntos de alta importância a resolver.

Sindicato Único Metalúrgico.

Continua hoje, as 20 1/2 horas, a Assembleia Geral Extraordinária, para continuação da ordem de trabalhos do seu anterior.

Pessoal da Exploração do Pórtico de Lisboa. — Reúne hoje, às 20 horas, em assembleia geral para tratar de assuntos de interesse colectivo.

Carpinteiros Navais. — Reúne no domingo, pelas 13 horas, a assembleia geral da classe, na sua sede, para tratar de assuntos de grande importância.

Sindicato Ferroviário. — Reúne

hoje, pelas 20 horas, a Comissão Executiva.

SINDICATOS

DA PROVÍNCIA

Sindicato dos Carregadores e

A BATALHA

III Congresso dos Operários da Indústria de Calçado, Couros e Peles:

Sessão em Portalegre

PORTALEGRE, 29. — Na sede da Associação dos Manufacturadores de Calçado teve lugar no dia 27 uma sessão de propaganda para o congresso da indústria, tendo usado da palavra os delegados da Federação, Manuel da Silva Campos e Artur Aleixo de Oliveira.

Logo que o secretário administrativo tomou as contas ao cobrador, díba baixa imediatamente, nos verbetes da segunda caixa, das cotas cobradas, para que os seus cartões colijam sempre em dia para que andem sempre em ordem.

Boa ordem, sempre boa ordem em dia!

Este processo de organização da cobrança de verbetes é uma extrema perfeição.

A prática nos mostrará quanto

de superior aos que por si só usamos.

Um livro para este efeito é uma monstruosidade que só nos dá massada

e nada nos mostra do que queremos saber, sobretudo com brevidade e pouco trabalho.

Mas não nos desleixemos — permiti o termo. Cada coisa em seu lugar, visto que temos um lugar certo para cada coisa. Nada de deixar para amanhã o que hoje deve ser feito.

Em todas as noites um bocadinho, ou numa noite por semana, podemos, sem trabalho que nos masse, ter sempre em ordem este serviço de cobrança, o mais importante de todos.

Este processo de organização da

cobrança de verbetes é uma extrema

perfeição. A prática nos mostrará quanto

de superior aos que por si só usamos.

Um livro para este efeito é uma

monstruosidade que só nos dá massada

e nada nos mostra do que queremos saber, sobretudo com brevidade e pouco trabalho.

Mas não nos desleixemos — permiti o

termo. Cada coisa em seu lugar, visto que temos um lugar certo para cada coisa. Nada de deixar para amanhã o que hoje deve ser feito.

Em todas as noites um bocadinho, ou

uma noite por semana, podemos, sem

trabalho que nos masse, ter sempre em

ordem este serviço de cobrança, o mais

importante de todos.

Este processo de organização da

cobrança de verbetes é uma extrema

perfeição. A prática nos mostrará quanto

de superior aos que por si só usamos.

Um livro para este efeito é uma

monstruosidade que só nos dá massada

e nada nos mostra do que queremos saber, sobretudo com brevidade e pouco trabalho.

Mas não nos desleixemos — permiti o

termo. Cada coisa em seu lugar, visto que temos um lugar certo para cada coisa. Nada de deixar para amanhã o que hoje deve ser feito.

Em todas as noites um bocadinho, ou

uma noite por semana, podemos, sem

trabalho que nos masse, ter sempre em

ordem este serviço de cobrança, o mais

importante de todos.

Este processo de organização da

cobrança de verbetes é uma extrema

perfeição. A prática nos mostrará quanto

de superior aos que por si só usamos.

Um livro para este efeito é uma

monstruosidade que só nos dá massada

e nada nos mostra do que queremos saber, sobretudo com brevidade e pouco trabalho.

Mas não nos desleixemos — permiti o

"A BATALHA" NA VILA DE ALJUSTREL

Reportagem rápida daquela

localidade perdida na solidão alentejana

São 4 horas. Na estação tudo deserto. Em frente, uma taberna mal iluminada, onde alguns, poucos, ingerem o seu copo de aguardente—para matar a febre—diz um, que, em poucos minutos, bebe três copinhos.

Prepara-se a carriola que faz a diligência e o correio para Aljustrel—um carro de duas rodas como um carro urbano, quase a desmontar-se, puxado por um macho, animal magrissimo como o rossinante de D. Quixote. Já está pratico no caminho, que percorre há cerca de duas dezenas de anos de olhos fechados e sem que o guiem.

Eu e outro passageiro abancamos na carrinha, uma tábua atravessada no centro, que do quando em vez se deslocava e caia em cheio sobre os artelhos dos pés, só não nos ferindo, porque as saias da correspondência postal, postas mesticamente na traseira da carela e um poncho sob a móvel bancada, nos resguardavam um tanto, não nos poupan- do contudo o encômodo das recaídas desagradáveis.

O dia não desponta ainda. O céu estrelado mal ilumina a planície extensa, a steppe alentejana. Mal se divisam, ao longe, silhuetas de pequenos monticelos. Nem uma árvore, nem o gorgelido ridente dum passarinho naquele romper da aurora. Apenas o estrondo dos rodados da carrinha e o zumbido delicioso da brisa. O único passageiro que me acompanha arrisca umas frases cordiais, mas o sono invade-o e de ali a pouco cabeceia, e caí, ora sobre mim, ora sobre o cocheiro. Este mormura um beijo de despedida e o dorminhoco pode explicar que aquilo é o feito do andamento da carrinha, que lhe parece um bicho.

Nanjo a mim, que vou preocupado com o deslocamento do assento, e que, graças aos solavancos que tem o costume de adormecer o meu encantador companheiro, me fazem aninhar de vez em quando...

O cocheiro, em certo momento, lamento umas manifestações de sono. Cabeceia a ponto de por uma vez, tocar com a carapuça que lhe cobre a cabeça até ao pescoço na garupa do macho. Desperta e prende as cordas a desfazer-se que substituem as rédeas de sôuso a umas taipas, embuça-se no capote alentejano e recosta-se, atraçado na frente da carrinha, deixando o macho caminhar a seu sabor.

Desponta o dia e já não adormece. Após algumas banalidades, confessa a sua disposição de abandonar aquela ser- vigo.

Pagam-lhe, por dia, para seu sustento, sustento do animal e concerto do carro 475. Se não fôssem os passageiros, teriam já morrido com fome e a desconjunta carela teria também desaparecido.

E conta a sua odisséia de mais de 20 anos percorrendo aquelas estradas, sem consideração alguma por parte da admi-



Rua 5 de Outubro (Messejana)

tados os seus movimentos, não vê o perigo a que estão sujeitos os desgracados que no sub-solo trabalham sob a permanente ameaça de ficarem soterrados.

No caminho, dois dedos de conversa com um pequeno proprietário rural, que estava trabalhando ao lado das "frascas" de trigo, colocados à margem das eiras, onde parelas de bestas debulhavam o trigo com as patas, ou arrastando o "trilho" em contínuas circunferências.

— Qual é aqui o salário dos trabalhadores rurais? — inquirimos.

— Há quem pague nessa quadra 6500, 6550. Quanto a mim, pago 2550 e 3500 e de comer, o que vem a dar na mesma. Mas—compreenda—estes não são os que já foram, nem os que já não são, porque os primeiros já tem as forças gastas, e os segundos ainda não tem forças.

— Esta compreendido. É a norma geral de todos os sanguessugas patronais, que depois de se locupletarem com o produto do trabalho dos operários, enquanto dispõem de vitalidade, os largam à margem, sem deixarem, contudo, de lhes aproveitar os últimos recursos vitais. Depois vem a indigência. E os novos como as mulheres, ainda que valham por alguns dos mais fortes, constituem o motivo de derivação para os salários inferiores. Neste particular os lavradores equivalem-se aos industriais.

Onde se contam os horrores dos trabalhos forçados das minas

O gabinete da Associação dos Mineiros estava cheio de mineiros, sentados uns à volta da larga mesa, dos trabalhos sindicais, enquanto outros se conservavam de pé, em conversa animada sobre as coisas da mina. Quais todos já homens idosos, com mais de duas dezenas de anos de trabalhos subterrâneos. Dispôs-nos bem esta circunstância, os velhos dando o exemplo aos novos na frequência do sindicato e no interesse pelas questões de trabalho na ânsia invencível de melhorarem as condições de existência, na esperança de um mundo melhor, mais justo, mais equitativo.

Aquele já declinava da vida, como que insinuava entusiasmo nos mais novos, num permanente convite à luta, à ação, com sangue novo, nova energia. Eles ali estavam a atestar, numa última afirmação da vontade, o seu amor pelo Sindicato redentor, o único elemento de ligação dos escravos modernos capaz de resolver e transformar o velho edifício burguês, minando os alicerces da injustiça social, como eles há longos anos vinham minando as entranhas da terra e extraíndo parte da riqueza que só qualram esmagados pelos possuidores e prepotentes.

Eles eram os pais do Sindicato que o queriam legar aos filhos como herança de real valor, a única que lhes traria a felicidade, e como gládio de mil cabeças, arredados os elementos daninhos da política, bem a soberana manejava a conquista do pão e da liberdade para todos.

O que é um filão

Cada um deles apresentava quixas amargas, num crescente espírito de revolta—revolta ainda o seu tanto inconsciente, mas justa e humana.

Arriscámos várias perguntas, às quais respondiam em tropel, com factos sobre factos, todos procurando demonstrar a ruideza do seu trabalho, os parcos salários que auferem, os roubos, as perseguições, as violências de que são vítimas.

Procuramos sistematicamente convidados um dos que nos pareceu mais capaz de explicar as condições de trabalho e a situação económica dos mineiros.

Principiamos, pois, pelo filão.

— Um filão — diz-nos ele — pode ter 200 metros de comprido.

— Que é um filão?

— Eu explico: um filão é a parte do interior da terra onde é encontrado o minério. Esse filão pode ser estreito como pode ser largo. Neste último caso a terra é recortada em abóboda e rompida naquela direção. Vai alargando enquanto se encontra o minério procurado. Mas não se pode alargar mais do que o que é possível para aguentar as paredes e o tecto do recorte com madeira.

— Ao centro da galeria são assentes os carros por cima dos quais rodam as vagões que conduzem o minério para a boca do poço da mina. Como o filão é largo, os mineiros abrem novos recortes, ao lado, nas paredes da mina; e, aos poucos, vão extraíndo o minério em larguras que vão de meio metro a 15 metros. São as minas transversais. Se o minério continua aparecendo com abundância, é aberta uma nova galeria de reconhecimento; mas se falha, é aberto

uma nova galeria que faz a diligência e o correio para Aljustrel—um carro de duas rodas como um carro urbano, quase a desmontar-se, puxado por um macho, animal magrissimo como o rossinante de D. Quixote. Já está pratico no caminho, que percorre há cerca de duas dezenas de anos de olhos fechados e sem que o guiem.

— E qual é esse material?

— Paus e tabuas, para segurarem os lados e o teto do recorte.

— Não há, então, outros inconvenientes para os mineiros?

— Havia — responde-nos ele. Bastaria que houvesse gente em quantidade suficiente e o necessário material para que, ao reconhecer-se a qualidade da terra, se procedesse logo ao revestimento necessário.

— E qual é esse material?

— Paus e tabuas, para segurarem os lados e o teto do recorte.

— Não há, então, outros inconvenientes para os mineiros?

— Só que a maior parte das vagões que conduzem o minério para a boca do poço da mina. Como o filão é largo, os mineiros abrem novos recortes, ao lado, nas paredes da mina; e, aos poucos, vão extraíndo o minério em larguras que vão de meio metro a 15 metros. São as minas transversais. Se o minério continua aparecendo com abundância, é aberta uma nova galeria de reconhecimento; mas se falha, é aberto

uma nova galeria que faz a diligência e o correio para Aljustrel—um carro de duas rodas como um carro urbano, quase a desmontar-se, puxado por um macho, animal magrissimo como o rossinante de D. Quixote. Já está pratico no caminho, que percorre há cerca de duas dezenas de anos de olhos fechados e sem que o guiem.

— E qual é esse material?

— Paus e tabuas, para segurarem os lados e o teto do recorte.

— Não há, então, outros inconvenientes para os mineiros?

— Só que a maior parte das vagões que conduzem o minério para a boca do poço da mina. Como o filão é largo, os mineiros abrem novos recortes, ao lado, nas paredes da mina; e, aos poucos, vão extraíndo o minério em larguras que vão de meio metro a 15 metros. São as minas transversais. Se o minério continua aparecendo com abundância, é aberta uma nova galeria de reconhecimento; mas se falha, é aberto

uma nova galeria que faz a diligência e o correio para Aljustrel—um carro de duas rodas como um carro urbano, quase a desmontar-se, puxado por um macho, animal magrissimo como o rossinante de D. Quixote. Já está pratico no caminho, que percorre há cerca de duas dezenas de anos de olhos fechados e sem que o guiem.

— E qual é esse material?

— Paus e tabuas, para segurarem os lados e o teto do recorte.

— Não há, então, outros inconvenientes para os mineiros?

— Só que a maior parte das vagões que conduzem o minério para a boca do poço da mina. Como o filão é largo, os mineiros abrem novos recortes, ao lado, nas paredes da mina; e, aos poucos, vão extraíndo o minério em larguras que vão de meio metro a 15 metros. São as minas transversais. Se o minério continua aparecendo com abundância, é aberta uma nova galeria de reconhecimento; mas se falha, é aberto

uma nova galeria que faz a diligência e o correio para Aljustrel—um carro de duas rodas como um carro urbano, quase a desmontar-se, puxado por um macho, animal magrissimo como o rossinante de D. Quixote. Já está pratico no caminho, que percorre há cerca de duas dezenas de anos de olhos fechados e sem que o guiem.

— E qual é esse material?

— Paus e tabuas, para segurarem os lados e o teto do recorte.

— Não há, então, outros inconvenientes para os mineiros?

— Só que a maior parte das vagões que conduzem o minério para a boca do poço da mina. Como o filão é largo, os mineiros abrem novos recortes, ao lado, nas paredes da mina; e, aos poucos, vão extraíndo o minério em larguras que vão de meio metro a 15 metros. São as minas transversais. Se o minério continua aparecendo com abundância, é aberta uma nova galeria de reconhecimento; mas se falha, é aberto

uma nova galeria que faz a diligência e o correio para Aljustrel—um carro de duas rodas como um carro urbano, quase a desmontar-se, puxado por um macho, animal magrissimo como o rossinante de D. Quixote. Já está pratico no caminho, que percorre há cerca de duas dezenas de anos de olhos fechados e sem que o guiem.

— E qual é esse material?

— Paus e tabuas, para segurarem os lados e o teto do recorte.

— Não há, então, outros inconvenientes para os mineiros?

— Só que a maior parte das vagões que conduzem o minério para a boca do poço da mina. Como o filão é largo, os mineiros abrem novos recortes, ao lado, nas paredes da mina; e, aos poucos, vão extraíndo o minério em larguras que vão de meio metro a 15 metros. São as minas transversais. Se o minério continua aparecendo com abundância, é aberta uma nova galeria de reconhecimento; mas se falha, é aberto

uma nova galeria que faz a diligência e o correio para Aljustrel—um carro de duas rodas como um carro urbano, quase a desmontar-se, puxado por um macho, animal magrissimo como o rossinante de D. Quixote. Já está pratico no caminho, que percorre há cerca de duas dezenas de anos de olhos fechados e sem que o guiem.

— E qual é esse material?

— Paus e tabuas, para segurarem os lados e o teto do recorte.

— Não há, então, outros inconvenientes para os mineiros?

— Só que a maior parte das vagões que conduzem o minério para a boca do poço da mina. Como o filão é largo, os mineiros abrem novos recortes, ao lado, nas paredes da mina; e, aos poucos, vão extraíndo o minério em larguras que vão de meio metro a 15 metros. São as minas transversais. Se o minério continua aparecendo com abundância, é aberta uma nova galeria de reconhecimento; mas se falha, é aberto

uma nova galeria que faz a diligência e o correio para Aljustrel—um carro de duas rodas como um carro urbano, quase a desmontar-se, puxado por um macho, animal magrissimo como o rossinante de D. Quixote. Já está pratico no caminho, que percorre há cerca de duas dezenas de anos de olhos fechados e sem que o guiem.

— E qual é esse material?

— Paus e tabuas, para segurarem os lados e o teto do recorte.

— Não há, então, outros inconvenientes para os mineiros?

— Só que a maior parte das vagões que conduzem o minério para a boca do poço da mina. Como o filão é largo, os mineiros abrem novos recortes, ao lado, nas paredes da mina; e, aos poucos, vão extraíndo o minério em larguras que vão de meio metro a 15 metros. São as minas transversais. Se o minério continua aparecendo com abundância, é aberta uma nova galeria de reconhecimento; mas se falha, é aberto

uma nova galeria que faz a diligência e o correio para Aljustrel—um carro de duas rodas como um carro urbano, quase a desmontar-se, puxado por um macho, animal magrissimo como o rossinante de D. Quixote. Já está pratico no caminho, que percorre há cerca de duas dezenas de anos de olhos fechados e sem que o guiem.

— E qual é esse material?

— Paus e tabuas, para segurarem os lados e o teto do recorte.

— Não há, então, outros inconvenientes para os mineiros?

— Só que a maior parte das vagões que conduzem o minério para a boca do poço da mina. Como o filão é largo, os mineiros abrem novos recortes, ao lado, nas paredes da mina; e, aos poucos, vão extraíndo o minério em larguras que vão de meio metro a 15 metros. São as minas transversais. Se o minério continua aparecendo com abundância, é aberta uma nova galeria de reconhecimento; mas se falha, é aberto

uma nova galeria que faz a diligência e o correio para Aljustrel—um carro de duas rodas como um carro urbano, quase a desmontar-se, puxado por um macho, animal magrissimo como o rossinante de D. Quixote. Já está pratico no caminho, que percorre há cerca de duas dezenas de anos de olhos fechados e sem que o guiem.

— E qual é esse material?

— Paus e tabuas, para segurarem os lados e o teto do recorte.

— Não há, então, outros inconvenientes para os mineiros?

— Só que a maior parte das vagões que conduzem o minério para a boca do poço da mina. Como o filão é largo, os mineiros abrem novos recortes, ao lado, nas paredes da mina; e, aos poucos, vão extraíndo o minério em larguras que vão de meio metro a 15 metros. São as minas transversais. Se o minério continua aparecendo com abundância, é aberta uma nova galeria de reconhecimento; mas se falha, é aberto

uma nova galeria que faz a diligência e o correio para Aljustrel—um carro de duas rodas como um carro urbano, quase a desmontar-se, puxado por um macho, animal magrissimo como o rossinante de D. Quixote. Já está pratico no caminho, que percorre há cerca de duas dezenas de anos de olhos fechados e sem que o guiem.

— E qual é esse material?

— Paus e tabuas, para segurarem os lados e o teto do recorte.

— Não há, então, outros inconvenientes para os mineiros?

— Só que a maior parte das vagões que conduzem o minério para a boca do poço da mina. Como o filão é largo, os mineiros abrem novos recortes, ao lado, nas paredes da mina; e, aos poucos, vão extraíndo o minério em larguras que vão de meio metro a 15 metros. São as minas transversais. Se o minério continua aparecendo com abundância, é aberta uma nova galeria de reconhecimento; mas se falha, é aberto</

